

O UNIVERSO DA UNIVERSIDADE: DAS SINGULARIDADES E DIVERSIDADES AO PROCESSO DE ENSINAR E APRENDER

THE UNIVERSE OF THE UNIVERSITY: FROM SINGULARITIES AND DIVERSITIES TO THE PROCESS OF TEACHING AND LEARNING

EL UNIVERSO UNIVERSITARIO: DE LAS SINGULARIDADES Y DIVERSIDADES AL PROCESO DE ENSEÑANZA Y APRENDIZAJE

Elisângela Lopes de Faria

elisangelalfaria@aluno.ufsj.edu.br

Edilene Aparecida Araújo da Silveira

edileneap@ufsj.edu.br

Selma Maria da Fonseca Viegas

selmaviegas@ufsj.edu.br

ABSTRACT:

The university is a universe of opportunities and values, as it aggregates and has a social impact on the production of scientific, technological and innovative knowledge. The aim was to understand singularities and diversities in the teaching and learning process from the perspective of undergraduates. A qualitative study, based on Grounded Theory and Symbolic Interactionism, with 35 participants. The academic environment is permeated by characteristics that demand special attention, planning and interventions. Student assistance needs to offer opportunities and mobilize resources to ensure equity in the face of differences. Health care should be a priority, not just limited to physical health, but also mental health. Prejudice is suffered by undergraduates in different conditions, indicating the necessary inclusion and a more welcoming university environment. The inter-relationship between students and teachers is difficult, as it lacks empathy and more appropriate teaching methodologies that consider student co-participation in the teaching-learning process. Respecting the singularities and diversities of this academic universe, its successes and difficulties, is the easiest way to achieve a more inclusive, welcoming university, with more effective teaching methods for training undergraduates who are involved with their education and their social role.

KEYWORDS: Universities, Students; Faculty, Learning, Cultural Diversity.

RESUMO:

A universidade constitui-se um universo de oportunidades e valores, ao agregar e impactar socialmente na produção de conhecimento científico, tecnológico e de inovação. Assim objetivou-se compreender singularidades e diversidades no processo de ensinar e aprender, sob a ótica de graduandos. Estudo qualitativo, delineado pela Teoria Fundamentada nos Dados e pelo Interacionismo Simbólico, com 35 participantes. O ambiente acadêmico é permeado por características, que demandam atenção especial, planejamento e intervenções. A assistência estudantil precisa oferecer oportunidades e mobilizar recursos, para assegurar equidade perante as diferenças. A assistência em saúde deve ser prioritária, não limitada apenas à saúde física, como também à mental. O preconceito é sofrido por graduandos em condições diversas, indicando a inclusão necessária e um ambiente universitário mais acolhedor. A inter-relação entre discentes e docentes é dificultosa, pois carece de empatia e metodologias de ensino mais adequadas que considerem a coparticipação discente no processo ensino-aprendizagem. Respeitar as singularidades e diversidades convividas neste universo acadêmico, os êxitos e as dificuldades é o caminho mais fácil para se obter uma universidade mais inclusiva, acolhedora, como métodos de ensino mais efetivos para formação de graduandos envolvidos com sua formação e com seu papel social.

PALAVRAS-CHAVE: Universidade, Estudantes, Docentes, Aprendizagem, Diversidade Cultural.

RESUMEN:

La universidad es un universo de oportunidades y valores, pues agrega e incide socialmente en la producción de conocimiento científico, tecnológico e innovador. El objetivo fue comprender las singularidades y diversidades del proceso de enseñanza y aprendizaje desde la perspectiva de los

estudiantes universitarios. Estudio cualitativo, basado en la Teoría Fundamentada y en el Interaccionismo Simbólico, con 35 participantes. El ambiente académico está impregnado de características que exigen atención, planificación e intervenciones especiales. La asistencia a los estudiantes debe ofrecer oportunidades y movilizar recursos para garantizar la equidad frente a las diferencias. La atención sanitaria debe ser una prioridad, no sólo limitada a la salud física, sino también a la mental. Los prejuicios los sufren los estudiantes universitarios en diferentes condiciones, lo que indica la necesidad de inclusión y de un entorno universitario más acogedor. La interrelación entre alumnos y profesores es difícil, pues falta empatía y metodologías de enseñanza más adecuadas que consideren la coparticipación del alumno en el proceso de enseñanza-aprendizaje. Respetar las singularidades y diversidades de este universo académico, sus aciertos y dificultades, es el camino más fácil para lograr una universidad más inclusiva y acogedora, con métodos de enseñanza más eficaces para la formación de estudiantes de grado implicados en su educación y en su papel social.

PALABRAS CLAVE: Universidades, Estudiantes, Docentes, Aprendizaje, Diversidad Cultural.

INTRODUÇÃO

A Universidade, como instituição de formação pluridisciplinar, constitui-se um universo de oportunidades e de valores, ao agregar e impactar socialmente na produção de conhecimento científico, tecnológico e de inovação. Neste universo, todos deveriam ter oportunidades igualitárias, mediante diversas etnias, costumes, crenças, culturas e sexualidades adequando-se o ensino à pluralidade, sem uniformizar os indivíduos em respeito à singularidade (Tani e Malheiros, 2018; Fernandes, 2012). No entanto, a intolerância, a opressão, a discriminação e a violência são práticas vivenciadas de um agir sem respeito à liberdade e igualdade como direitos (Toledo e Bettini, 2020).

A diversidade cultural no meio universitário é reconhecida a partir do momento que a forma de ensinar venha respondê-la, porém há empecilhos ao tratar da diversidade. As diferenças devem se transformar em possibilidades ao invés de problemas (Fernandes, 2012). As vivências cotidianas de docentes e discentes devem ser contempladas pela equidade, igualdade e interculturalidade na formação, indiferente do curso, incorporadas ao processo de aprendizagem, em que os níveis conceitual, reflexivo, emocional e afetivo reflitam em justiça social (Siljamäki e Anttila, 2021).

O desenvolvimento da autoconfiança e criatividade, do senso crítico e felicidade deve fazer parte do cotidiano acadêmico. Para que isso ocorra, torna-se necessário formar bases de referências curriculares que coerentemente solidifique o processo ensino/aprendizagem de forma motivadora, eficiente e eficaz, com comportamento e valores humanos que venham responder e explorar os desafios da contemporaneidade (Viana, 2020).

Neste contexto, torna-se necessária a empatia no convívio com seus semelhantes. Perceber as emoções, manter em estado de alerta quanto às consequências que determinadas atitudes poderão afetar a vida de outras pessoas, pois trata-se de competência emocional social (Vieira, 2017) e precisa na inter-relação em ambiente universitário.

Respeitar os direitos e oferecer assistência ao estudante que demanda necessidade de auxílio à moradia, alimentação, transporte, apoio pedagógico, saúde física e mental, dentre outras, são formas de cooperação para respeito à diversidade e manutenção do estudante no ensino superior.

Para atender à preocupação com os graduandos em vulnerabilidade socioeconômica e aos ingressos pela rede pública de educação, o Plano Nacional de Assistência Estudantil objetiva viabilizar a igualdade de oportunidades entre os graduandos e favorecer o desempenho acadêmico, com ações que busquem reduzir a reprovação e o abandono do curso. As próprias universidades fazem o acompanhamento, análise e desenvolvimento deste plano, de acordo com o perfil socioeconômico do graduando e a realidade institucional (Brasil, 2010).

A promoção da igualdade e a equidade no apoio aos alunos em classes culturalmente heterogêneas valem a competência intercultural e o combate da desigualdade estrutural, favorecendo o processo de aprendizagem (Siljamäki e Anttila, 2021).

Considerando este contexto, questiona-se: como as singularidades e diversidades podem influenciar no processo de ensinar e aprender?

Este estudo teve por objetivo compreender as singularidades e diversidades no processo de ensinar e aprender, sob a ótica de graduandos.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, originado de dissertação de mestrado, considerando os referenciais da Teoria Fundamentada nos Dados (TFD) e do Interacionismo Simbólico (IS) (Strauss e Corbin, 2008; Blumer, 1969).

A TFD é um método analítico e de coleta de dados em interação concomitante e de forma sistemática (Strauss e Corbin, 2008). O IS permite apurar o sentido que os participantes da pesquisa dão aos objetos, pessoas e símbolos com os quais estabelecem o seu mundo social, conferindo-lhes significado mediante as experiências vividas (Blumer, 1969).

A interpretação do significado (Blumer, 1969), neste estudo, proporcionou a compreensão de como a diversidade, a cultura e a singularidade interferem e modificam o comportamento humano em suas interações e processos, permitindo obter uma profundidade maior diante da realidade estudada e da forma como o indivíduo lida com fatos cotidianos e tendem a adotar determinados comportamentos de vida.

O cenário do estudo é uma universidade pública federal, e os participantes da pesquisa são estudantes matriculados no segundo e último ano dos cursos de graduação, administração biologia e matemática, sendo os dois últimos de licenciatura. A abordagem dos participantes da pesquisa foi feita via e-mail institucional, considerando o aceite voluntário de graduandos.

Foram enviados 68 e-mails, realizadas 35 entrevistas com os graduandos, que atenderam aos critérios exigidos. Utilizaram-se como fontes de evidências o registro em memorandos e a

entrevista aberta individual remota (Strauss e Corbin, 2008), com roteiro semiestruturado, gravada e transcrita na íntegra.

Os dados foram coletados entre julho de 2021 e novembro de 2021, submetidos à análise concomitantemente. A entrevista teve duração média de 40 minutos, vídeo gravada, transcrita na íntegra e validada pela leitura do participante da pesquisa com retorno via e-mail. Vale ressaltar que a coleta encerrou quando ocorreu a saturação teórica dos dados, ou seja, quando nenhum dado novo ou relevante emergiu em relação a uma categoria/conceito (Strauss e Corbin, 2008).

A análise qualitativa dos dados ocorreu por meio de um processo analítico de quatro etapas que interdependem, demonstrando que a análise não é um processo estruturado, estático ou rígido: codificação aberta, axial, seletiva e para o processo. A codificação para o processo ocorre o tempo todo durante a pesquisa (Strauss e Corbin, 2008).

A primeira etapa foi concluída pela microanálise, ou seja, a codificação aberta. Iniciou-se pela leitura minuciosa do texto, analisando frase a frase. Foram formulados 34 códigos in vivo e 2 propriedades, mediante as ideias e os conceitos iniciais identificados, agrupando-os para a amostragem teórica em uma classificação de similaridades e divergências.

Após o agrupamento dos códigos in vivo, emergiram treze subcategorias. Na codificação axial, ocorreu a definição conceitual de quatro categorias: Contribuições, facilidades, oportunidades e dificuldades no cotidiano da graduação e de vida; Enfrentamento no cotidiano da graduação e o cuidado com a saúde mental; A pandemia trouxe a universidade para o ambiente familiar: vivências no ensino remoto; O universo da Universidade: das singularidades e diversidades ao processo de ensinar e aprender.

Na codificação seletiva, as quatro categorias originadas foram integradas, para formar um esquema teórico, e os dados construíram a teoria, oriunda de um conjunto de conceitos que determinaram a categoria central Vivências no cotidiano da graduação, de vida e o cuidado com a saúde mental: das singularidades ao processo de ensinar e aprender. Esta teoria apresenta os conceitos, a classificação e a descrição de fatos e ações, significando a ideia central (Strauss e Corbin, 2008).

A codificação para o processo conferiu as dimensões conceituais relevantes e as relações entre os conceitos identificados na análise, considerando o questionamento: como as singularidades e diversidades implicam sobre o processo de ensinar e aprender no cotidiano de graduandos? O paradigma da análise se contextualiza e foi analisado considerando a saturação teórica nos três cursos pesquisados, identificando as experiências de graduandos no cotidiano acadêmico.

Este estudo foi desenvolvido de acordo com os preceitos éticos necessários ao desenvolvimento de pesquisas com seres humanos, considerando a Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, sendo aprovado sob Parecer no 4.236.289.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 35 participantes da pesquisa 11 (31,4%) estavam no segundo ano de curso, e 24 (69,6%), no quarto ano de curso. Apenas 7 (20%) graduandos estavam em situação regular de curso, 18 (51,4%) são do sexo feminino e 17 (48,6%) do masculino. A idade variou entre 19 e 63 anos. Cursaram o ensino médio em escola pública 34 (97%) participantes da pesquisa. Estavam inseridos no mercado de trabalho 26 (74,6%) e nove (25,4%) se dedicavam exclusivamente às atividades acadêmicas.

Quanto aos benefícios e bolsas, 25 (71,4%) graduandos, em algum momento, receberam alguma bolsa ou benefício. Dentre os recursos recebidos, a maioria teve como fontes o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e o auxílio moradia e alimentação. Dentre outras atividades desempenhadas, foram relatadas a do lar e cuidar de familiar, religiosa, atividade física, artes.

O mundo vivido na graduação evidencia singularidades e diversidades que devem ser acolhidas no processo de ensinar e aprender. Considerando o universo de uma universidade pública federal, o presente artigo discutirá os resultados da categoria O universo da Universidade: das singularidades e diversidades ao processo de ensinar e aprender e suas duas subcategorias, como demonstra a Figura 1:

Figura 1 - O universo da Universidade: das singularidades e diversidades ao processo de ensinar e aprender, representado por subcategorias e códigos in vivo, 2021



Fonte: Dados da pesquisa 2021.

O universo da Universidade e as singularidades e diversidades

As singularidades e diversidades no universo acadêmico considera o estar-junto-com respeito:

Eu vejo que, depois que eu entrei na faculdade, eu sou mais respeitado. Em questão pessoal, eu sou mais respeitado. Eu nunca fui uma pessoa de ter muitas amizades e eu sempre sofri muito bullying no ensino fundamental e médio. Aí o fato de entrar na faculdade meio que, eu comecei a ter respeito, sabe? As pessoas começaram a me respeitar, tipo me cumprimentar [...] foi um ponto positivo, eu consegui ficar bem comigo mesmo por um tempo. Acho que, dificuldade, sempre tem. Igual a primeira que eu encontrei aqui dentro, foi chegar e pegar um mundo completamente diferente daquilo que eu estava esperando, sabe? De sentar-se, pegar uma aula slide, apostila, atividades, ter um relacionamento com professor (E31).

A gente sabe que em um ambiente universitário, a gente encontra pluralidade, não é? Ainda mais em uma universidade federal, pluralidade de pessoas, de histórias e vivências. São pessoas de lugares diferentes e estados diferentes. Então, a gente tem essa possibilidade de conhecer toda essa pluralidade [...] participar de eventos falando de classes sociais e outras diferenças, foi muito importante para mim (E35).

Facilidade, eu não sei o que seria. [...] eu me vejo uma pessoa com a cabeça totalmente diferente da que eu tinha quando eu entrei, e isso eu dou valor, assim das convivências mesmo com pessoas diferentes que a gente encontra e das disciplinas de educação que faz a gente pensar, questionar bastante sobre diversas coisas. [...] além de descobrir a minha orientação sexual. Então, foi algo que a Universidade proporciona a capacidade de se permitir modificar perante o que a gente sabia, por si mesmo, antes. Agora, dificuldade, é só o que tem. Quando a gente entra e vê pessoas de todas as formas e que tá tudo bem, o que você tinha como desconforto [...], mas que a universidade conseguiu me deixar à vontade em relação a isso, por ver que estava tudo bem naquele ambiente (E29).

A assistência estudantil e a atenção à saúde de discentes foram pontuadas pelos participantes da pesquisa:

Precisava tipo de um apoio, uma ajuda, e aí foi por isso que fui procurar ajuda. Para ela, pelo menos, ouvir: “você não está sozinho, tem alguém em algum lugar”, eu esperava pelo menos isso, ouvir de uma boca diferente. Por mais que eu conversava com as pessoas, faltava aquela pessoa que pega na tua mão e fala: “olha, tamo junto!” (E31).

A empatia ou a sua falta no meio acadêmico surge enfatizando que é preciso ter respostas empáticas de professores, como também o lado cognitivo e da necessidade de estudar e se graduar, para o alcance de mais qualidade de vida com a formação em ensino superior:

Falta um pouco de empatia de alguns professores. Assim, eles não enxergam os alunos de uma universidade federal, óbvio que não são todos os professores, mas eles não veem que os alunos que fazem, por exemplo, o curso administração, que fazem um curso noturno, fazem porque precisam trabalhar durante o dia. Falta um certo cuidado dos professores em entender que são pessoas que estão ali, não são robôs que eles estão treinando, que eles estão ensinando. São pessoas que têm vida pessoal, vida familiar e vida profissional e que estão ali por algum motivo, seja ele por querer ter uma graduação, por realizar um sonho ou buscar uma qualidade de vida melhor (E8).

Falta empatia dos professores, porque eles já estiveram no nosso lugar, não é? Porque eles já foram alunos um dia, mas parece que eles esqueceram. Mas eu ainda aperto essa

tecla: falta empatia no meio acadêmico, a gente não é empático, um com o outro. Então, não se comparar com os outros. Eu gostaria de deixar a fala de empatia, acho que deveríamos ser mais empáticos no meio acadêmico (E34).

A chave do ensinar/aprender está na metodologia adotada: a inter-relação professor e aluno

A inter-relação professor e aluno é primordial para efetivar o aprendizado, mas a metodologia adotada é a chave do ensinar/aprender:

Eu tenho um pouco de dificuldade com as matérias que envolvem cálculo, também, pelo fato de ser ensino remoto, está um pouco mais difícil. Algumas matérias, você não tem monitor, e aí meio que você tem que se virar sozinho. Às vezes, você não se dá tão bem com a didática do professor [...] acho que essas são as dificuldades. Não significa que o professor é ruim, só que você não entende tanto a forma como ele explica [...] mas, é lógico que vão ter pessoas que vão se dar melhor com determinado professor e outras que não, é basicamente isso. Às vezes, eu tento entrar em contato com professor, mas, geralmente, quando eu não entendo o que o professor explica em sala, também não vou entender ele me explicando depois. Acaba que você tem que procurar se virar sozinho (E11).

Nossa, que professora incrível! A aula era a mesma coisa, como se fosse presencial mesmo. A gente tinha essa aula online e ela tinha que falar: “gente, eu vou desligar porque tenho outra aula. Vocês podem continuar na sala conversando, que eu tenho outra aula para dar”. De tão boa que era a matéria. Isso vai de cada professor também [...] acho que tem um ou outro professor que posso falar: “esse daqui poderia ter uma didática melhor, podia ser um pouco mais sensível” (E19).

Sabe, fazer uma aula diferente para o aluno olhar e pensar: “nossa, o professor está cansado, ele tem as obrigações dele, mas ele pensou na gente”. É igual ir numa festa que você se arrumou toda e parece que você passou despercebida, ninguém te olha, mas você já muda quando alguém te fala: “como você está bonita!” [...] isso levanta a sua autoestima. Então, tem a autoestima acadêmica, também. Então, o professor não se preocupa, só tem aquela aula maçante, transcreve o livro todo no quadro, aí chega uma hora que o aluno apela: livro por livro eu vou ver lá em casa. Essa é a questão que eu falo, dessas aulas, ter temas, serem mais lúdicas, que poderiam ajudar e até vencerem o cansaço (E28).

Implicações da inter-relação professor e aluno:

Ele não quer mais dar aula. Ele chega na sala de aula diante da indisciplina, que é normal dos alunos, eles são indisciplinados, eles são bagunceiros, são jovens, não é? Ele não dá a mínima para isso, mas os professores se envolvem pouco com o acompanhamento do aluno, eles não se doam para o aluno, eles se limitam a dar as tarefas e, se quer, acompanham, cobram muito e dão pouco. Eu estou falando isso em nome dos alunos inclusive. Eu vejo dessa forma, eles não participam da vida, das dificuldades do universitário (E21).

Mas, tinha alguns professores que não davam tanta abertura para os alunos, tinha uma postura mais rígida mesmo, sabe? E sempre tem essa questão de aluno comentar, não é? Os alunos que já conhecem ficar comentando e querendo ou não a gente acaba pegando um pouco daquilo. Então, além dos professores mais duros, digamos assim, eles lecionavam disciplinas mais complexas. Então, criava aquela pressão por conta da

própria disciplina, da dificuldade com o professor também (E23).

Dificuldades existem nas inter-relações de graduandos e docentes, confrontando com rigidez e métodos que limitam a abertura para coparticipação do graduando. A resistência às mudanças e inovação de metodologias e abordagens de conteúdos torna o ensino monótono e cansativo para os graduandos. O medo e a vergonha limitam a interação de graduandos com docentes, afetando a aprendizagem e desmotivando os graduandos (Memorando).

A incumbência da inclusão independe das condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais e linguísticas. A inclusão deve englobar as diferenças humanas como fenômeno natural, sustentando um aprendizado diferenciado, trazendo adequação para as particularidades de cada um, tornando-se um desafio para a educação como processo de desenvolvimento. É também uma forma de expandir e enriquecer as experiências que cada um traz consigo, em um espaço que pertence a todos, que é a universidade pública (Viana, 2020), fato este apontado neste estudo.

O respeito à individualidade considera as histórias e experiências de cada um, articulando os conhecimentos de vida com os conhecimentos acadêmicos na construção de saberes, conduzindo trocas para uma formação humanizadora. “A relação entre aluno e professor implica em uma troca de conhecimento e indagações mútuas, onde aquele que ensina também aprende ao ensinar e, quem aprende, ensina ao aprender. O homem enche de cultura os espaços geográficos e históricos” (Freire, 1979, p. 30).

O preconceito surge como sofrimento vivido por graduandos. Destarte, torna-se relevante que a formação pedagógica do docente promova a sua capacidade de desnaturalizar o preconceito e a discriminação no ambiente de ensino (Kálmán *et al.*, 2020). O ensino superior deve incorporar uma visão mais integralizada acerca do processo de formação, para o desenvolvimento dos discentes com habilidades sociais e valores ético-morais (Vieira-Santos *et al.*, 2019).

Estimular o relacionamento entre os graduandos, tanto nas atividades individuais quanto coletivas, deve ser uma preocupação cotidiana de docentes. As universidades devem promover momentos e eventos que colaborem para essas interações (Leonardo *et al.*, 2019). Deve haver um relacionamento respeitoso entre os discentes e docentes, pois só assim é possível promover educação e mudança no aprendizado e vida dos educandos (Freire, 1997).

É fundamental que os docentes estejam atentos em sua função no ambiente de ensino. Deve haver sempre disposição de adaptar os planos de ensino à realidade dos graduandos, de aprimorar os métodos e práticas de ensino, com vistas a ser o intermediador na construção do conhecimento com graduandos. O exercício da prática docente implica a interação da objetividade e subjetividade que coopera para uma conduta de mais proximidade entre os graduandos em suas demandas (Sousa e Marques, 2019).

Dentre os fatores que favorecem a aprendizagem, a afetividade interfere diretamente na performance do discente. A inter-relação professor e aluno deve ser cercada por afeto e

compressão mútua, para que esse universo acadêmico seja digno e propício para a construção de conhecimento.

Precisa-se de uma abordagem com mais significância que deixe o graduando mais envolvido e o estimule com o aprendizado, como também se adapte ao curso e à universidade. A forma como as metodologias de ensino e aprendizagem são conduzidas pode estimular ou atrapalhar o envolvimento do graduando com o conteúdo (Belo *et al.*, 2021).

É preciso o investimento em programas educacionais que estimulem as habilidades socioafetivas dos graduandos de forma autônoma, para alcançar efetivas estratégias de construção de conhecimentos teóricos e práticos ligados às experiências de vida e, assim, alcançar eficácia na aprendizagem, aumentar a sociabilidade e o autoconhecimento. Quando é possível associar o conhecimento ao emocional do indivíduo, há mais significado no aprendizado e mais bem-estar pessoal e social (Lack e González, 2019).

Nesse cenário, o sofrimento vivido pelo preconceito traz a indicação de mais interação humana, respeito às diversidades. Englobar as diferenças e o respeito à individualidade e liberdade de escolhas deve fazer parte de qualquer ambiente de inter-relações, inclusive o universitário.

Assim, a empatia se mostra como um dos princípios fundamentais da sala de aula, proporcionando ao docente a capacidade de captar emoções, sentimentos e sensações, de pensar e entender o comportamento de cada aluno.

Se o professor é capaz de exercitar a empatia na sala de aula, com certeza terá um ambiente mais positivo, interativo, permitindo que a iniciativa de educar estimule os graduandos à proatividade, suscitando motivação pessoal e a vontade de enfrentar cada desafio dentro e fora da sala de aula (Rodríguez-Saltos *et al.*, 2020).

Perante as dificuldades socioeconômicas de graduandos, evidência deste estudo, os programas de assistência estudantil viabilizam a ascensão econômica e social, sendo fundamentais para a acessibilidade, permanência e desenvolvimento acadêmico.

Com a assistência estudantil, é possível assegurar a igualdade de oportunidade para todos e favorecer o desempenho acadêmico e a democratização na Universidade, reduzindo as desigualdades sociais e culturais. Além disso, as universidades devem corresponsabilizar pela saúde física e emocional de sua comunidade, além de assegurar um ambiente mais saudável e favorecer a qualidade de vida (Gonçalves, 2019).

O estudante pode ser assistido amplamente, com ações distintas de cunho acadêmico, auxiliando-o a organizar seus horários e calendário das avaliações, apoiando-o e sugerindo atividades de lazer, conhecimento e adesão institucional, como as ligas acadêmicas, atléticas, programas e projetos ligados à arte, música, esporte, cultura, etnia, lazer, entre outros. Reiterar o acolhimento e assistência aos estudantes inclui a inovação (Scorsolini-Comin e Gabriel, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se a Universidade um palco de encontros, de ideias, histórias, costumes, dificuldades e, também, de diferenças sociais. Este mundo tão pluralista e singular e, ao mesmo tempo, de tamanha riqueza cultural e de opiniões diversas, precisa ser um ambiente de troca de saberes e aprendizado, estimulando vivências humanizadoras para além da formação profissional de graduandos, alcançando o crescimento e amadurecimento pessoal.

As singularidades implicam diferentes formas de ensinar e aprender, metodologias inovadoras e aulas criativas e participativas na construção do conhecimento. A inter-relação de docentes e discentes deve ser harmoniosa e respeitosa, para êxito no processo ensino-aprendizagem.

O exercício da empatia permite conhecer melhor o outro, oferece ambiência mais acolhedora com confiança e credibilidade de discentes e docentes, para o enfrentamento das dificuldades no cotidiano. Conhecer quem são, docentes e discentes, quais suas vivências e necessidades é o primeiro passo para vencer desafios, formular programas, implementar políticas, pensar em inclusão nas universidades, com acesso para todos considerando as desigualdades.

Agradecimentos

Agradecemos ao Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal de São João del-Rei, Campus Centro-Oeste e todo corpo docente pelo conhecimento e apoio adquirido ao longo do Mestrado Acadêmico.

Agradecemos à Universidade Federal de Viçosa, especialmente aos servidores da Divisão de Assuntos Comunitários, que se organizaram, autorizando o afastamento da servidora para dedicação exclusiva ao curso e a pesquisa.

Agradecemos a todos estudantes participantes desta pesquisa, que foram entrevistados voluntariamente, de fundamental relevância para a concretização deste estudo.

REFERÊNCIAS

BELO, P. A. P.; OLIVEIRA, R. M.; SILVA, R. C. Reflexos da relação professor-aluno para a aprendizagem no contexto formal de ensino. *Práticas Educativas, Memórias e Oralidades*, v. 3, n. 2, p. e323880, 2021.

BLUMER, H. (1969). *Symbolic interactionism: perspective and method*. Califórnia: Prentice-Hall, 1969.

BRASIL. Decreto 7.234, de 19 de julho de 2010. Regulamenta o Programa Nacional de Assistência Estudantil. Brasília: Diário Oficial da União, Seção 1, 20 jul, 2010.

FERNANDES, J. A. T. Uma reflexão sobre a diversidade cultural na universidade: respeito às diferenças. *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, 2012.

FREIRE, P. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GONÇALVES, L. H. *O sistema de saúde na assistência estudantil da UFV: a percepção dos estudantes de graduação beneficiados pelo PNAES*. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências) - UFV, Minas Gerais, 2019.

KÁLMÁN, O.; TYNJÄLÄP.; SKANIAKIS, T. Patterns of university teachers' approaches to teaching, professional development and perceived departmental cultures. *Teaching in Higher Education*, v. 25, n. 5, p. 595-614, 2020.

LACK, L. G. O.; GONZÁLEZ, M. L. G. Desarrollo socio-afectivo en la educación media superior: el papel del contexto académico. *Revista Panamericana de Pedagogía*, v. 27, p. 149-167, 2019.

LEONARDO, S. B.; FARINA, M. C.; ANDREOLI, T. P.; LIMA, A. P. M. B. Relacionamentos Interpessoais Formal e Informal: Interação das Redes no Ambiente Acadêmico. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 23, n. 3, p. 395-415, 2019.

RODRÍGUEZ-SALTOS, E. R.; MOYA-MARTÍNEZ, M. E.; RODRÍGUEZ-GÁMEZ, M. Importancia de la empatía docente-estudiante como estrategia para el desarrollo académico. *Dominio de las Ciencias*, v. 6, n. 3, p. 23-50, 2020.

SCORSOLINI-COMIN, F.; GABRIEL, C. S. O que pode ser considerado inovador no Ensino superior contemporâneo? Considerações sobre o acolhimento estudantil. *Revista SPAGESP*, v. 20, n. 2, p. 1-5, 2019.

SILJAMÄKI, M. E.; ANTTILA, E. H. Developing Future Physical Education Teachers' Intercultural Competence: The Potential of Intertwinement of Transformative, Embodied, and Critical Approaches. *Frontiers in Sports and Active Living*, v. 3, p. 765513, 2021.

SOUSA, E. M. S.; MARQUES, E. S. A. O processo de constituir-se professor na relação objetividade-subjetividade: significações acerca da mediação social na escolha pela docência. *Educação & Formação*, v. 4, n. 2, p. 82-96, 2019.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da teoria fundamentada*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2018.

TANI, H. J.; MALHEIROS, D. B. Diversidade sexual e Direitos Humanos. *Boletim do Instituto de Saúde*, v. 19, n. 2, p. 19-28, 2018.

TOLEDO, C. M. Q.; BETTINI, L. H. P. Direitos humanos, educação e diversidade sexual. *Educação em Revista*, v. 21, p. 9-22, 2020.

VIANA, I. C. El lugar e o tempo da diversidade cultural no currículo. *Revista Latinoamericana Estudios de la Paz y el Conflicto*, v. 1, n. 2, p. 111–123, 2020.

VIEIRA, P. *O poder da autorresponsabilidade: A ferramenta comprovada que gera alta performance e resultados em pouco tempo*. São Paulo: Editora Gente, 2017.

VIEIRA-SANTOS, J.; PRETTE, A. D.; PRETTE, Z. A. P. D.; ALMEIDA, L. S. Relação professor-estudante na educação superior: suporte social e habilidades sociais. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, v. 6, n. 1, p. 1-4, 2019.